

# ADOLESCÊNCIA E SEUS TEMORES

– antologia literária –



Érica de Oliveira | João Paulo Hergesel  
(organizadores)

# ADOLESCÊNCIA E SEUS TEMORES

– antologia literária –

1.<sup>a</sup> edição



Editora Jogo de Palavras  
- Alumínio, SP -  
2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

**Revisão:**

Érica de Oliveira

**Editoração:**

João Paulo Hergesel

**Ilustração de capa:**

CC0 License | Avopix.com

---

A239      Adolescência e seus temores: antologia literária. / Vários autores ;  
organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio,  
SP : Jogo de Palavras, 2019.  
76 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-05-0

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5.  
Adolescentes. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras  
Alumínio, SP | 2019  
[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)

## Sumário

### **Arborescentes**

Nanci Otoni | 7

### **Sofia – O amor pede passagem**

Paulo Ismar Mota Florindo | 9

### **Adolescência flor**

Juliana Karol de Oliveira Falcão | 16

### **Arma é legal**

Vitor Miranda | 17

### **Eterna adolescente**

Thaís Costa de Almeida | 22

### **Meus primeiros amores**

Ronilson Lopes | 26

### **[certeza minha]**

Enzo Fuji | 43

### **Aluna no País das Livrarias**

Léo Ottesen | 44

### **Os atiradores da minha escola**

Fernanda Pian | 48

## **A menina, a velha e as arcas**

Luís Amorim | 52

## **Adolescência**

Silvia Ferrante | 60

## **Trovões**

Mikael Mansur Martinelli | 62

## **Primeiro beijo**

Teresinha Camargo | 63

## **Primeiro amor**

Robinson Silva Alves | 64

## **Amigos inseparáveis**

João Pedro Oliveira | 66

## **Sobre os autores | 69**

## Arborescentes

*Nanci Otoni*

Adolescentes, seres à procura de algo,  
Algo que os preencha e os complete.  
Completando, eles rirão à beça;  
Felicidade é tudo que lhes interessa.

Adolescentes, seres falantes do mundo,  
Mundo interno, externo e até transcendente  
Transcendente, mas muito transparente e terno;  
Terno é sinônimo de amor materno.

Adolescentes, seres de muita vida e adrenalina,  
Adrenalina que se mistura à ação,  
Ação de ir sempre à procura de um Deus,  
Deus que simboliza a perfeição.

Adolescentes, seres frágeis e totalmente fortes,  
Fortes por não pensar em desistir,  
Desistir de uma possibilidade;  
Possibilidade é o cerne que os faz persistir.

Adolescentes, seres inteligentes que procuram a sabedoria,  
Sabedoria que os impulsiona a sorrir,  
Sorrir para a vida que não é apenas aqui;  
Aqui é somente a passagem para o ser evoluir.

A vida humana é nada mais que um ciclo,  
Ciclo onde se passa por várias fases,  
Fases de adolescentes, não crianças, não jovens, não velhos;  
Apenas fetos arborescentes com essência eterna.



## Sofia – o amor pede passagem

*Paulo Ismar Mota Florindo*

Século XXI em seu esplendor e Sofia ainda preferia se comunicar através da velha e boa carta. Principalmente quando se tratava de carta de amor. E neste caso mais específico a missiva seria endereçada para o amor secreto de Sofia, o jovem atleta Thyego, amor de infância por quem Sofia nutria visceral paixão. Fosse medir a paixão de Sofia por Thyego em Kilotons, daria para explodir o planeta Terra umas duas vezes, pelo menos.

Desde o maternal, Sofia e Thyego eram colegas de brincar no *playground*, fazer caretas pros professores em dupla e também fazer guerra de meleca de nariz. Esta amizade infantil perpassou os anos, invadindo o ensino fundamental, chegando até ao ensino médio. Foi neste período pré-vestibular que o bichinho da paixão fisgou Sofia. Mas parecia relutante em fisgar Thyego. E para Sofia, a indiferença do rapaz era fulminante para sua autoestima.

Sofia recolheu-se ao seu mundinho cibernético entre *faces*, *instas* e *tais*, idealizando o mundo perfeito que vinha com o par perfeito de brinde. Na cabeça de Sofia o casal perfeito deste virtual mundo perfeito seria ela e o seu amado Thyego. Faltava apenas combinar com o Thyego, que estava mais preocupado com as peladas da escola. Thyego era o ala-pivô do time de basquete da escola. O sonho de Thyego era ser o novo Oscar do basquete

brasileiro. O sonho de Sofia era ser a primeira dama do basquete brasileiro.

Nestas histórias de colégio, basquete, *smartphone*, o mundo real de Sofia começava e terminava com a sirene da escola. Quando entrava na sala de aula, era o reino encantado do príncipe Thyego. Quando ia para casa, o castelo desabava e ela novamente assumia o seu posto de gata borralheira abandonada pela sorte. Mas Sofia não desistia. Chegou ao cúmulo de pichar muro, quando conseguiu convencer uma colega a conduzi-la, sem sua mãe saber. Estava lá no muro da esquina, perto da casa de Thyego: “B. ama Thyego. Namora comigo?”. Agora, toda vez que passava por ali, Sofia sentia vergonha do que tinha feito. Também lembrava de uma frase que sua avó dizia, quando contava da luta que teve para conquistar o marido: – no amor e na guerra, vale tudo, minha filha. Essa lembrança aplacava um pouco a culpa de Sofia pelo gesto impensado. Mas, quem disse que existe razão nas coisas feitas pelo coração?

E assim, Sofia tomou coragem e foi executar a primeira ação prática para tentar conquistar o coração do amado. Começou a escrever a cartinha de amor. Antes disso, deu uma olhada no Pinterest em alguns modelos de mensagens de amor para se inspirar. Pegou o papel carta que comprou na papelaria do seu João, proprietário da mais antiga casa do ramo, na cidade. Empunhou a caneta cor de sangue que escolheu na mesma papelaria, posicionou-se ao pé da cama, com um livro de romance que ganhara da tia como apoio e começou a rabiscar a carta.

“Querido Thyego, eu sei que temos WhatsApp, temos Twitter, temos sms, temos e-mail e tantas outras maneiras modernas de nos comunicarmos, mas eu prefiro enviar um pedacinho de mim escrito neste papel. Em cada contorno destas letras vai um suspiro de amor que emito por ti a cada segundo de minha vida. Sei que parece exagero, mas quando te vejo falta até o ar que eu respiro. Quando eu passo por ti o meu mundo para, a Terra cessa de girar e eu fico imóvel como os personagens daquele filme antigo, o Matrix. Cara, tu nem imagina o que é sentir tanto amor. É tanto que eu já não sonho mais contigo. Eu durmo e vivo meus sonhos ao teu lado. Meu travesseiro volta e meia amanhece molhado pelas lágrimas que meu amor teima em espremer deste meu coração sofrido. Thyego, nós nos conhecemos desde o prezinho, ou antes, quando a gente ainda usava fralda. Agora quero que tu saiba que eu sinto mais do que paixão, mais do que amor. Seria possível um sentimento maior do que esse? Pode ser obsessão, eu sei, mas amor ao quadrado deve resultar em obsessão, mesmo. O que eu quero te dizer nestas mal traçadas linhas é que o amor que tenho guardado para ti é maior do que o universo, e eu gostaria que ele fosse correspondido. Pode ser um amor do tamanho da sala de aula que basta pra preencher este meu universo. Thyego, eu te amo mais do que a vida que tenho, porque a vida não vale nada sem ti. Me ama, me faz feliz de verdade. Não vou me matar se tu não me amar, mas para mim é como se o mundo acabasse. Ainda não sei o que é sentir a dor de uma separação porque para mim é como se fôssemos siameses de alma. Agora tô chegando à parte difícil, quando tenho que assinar a carta. Me falta coragem

para assumir pessoalmente este amor, me falta coragem para me expor a um não. Também não sei se tu me aceita do jeito que sou, talvez seja esta a razão de tu não me amar. Mesmo assim, vou assinar. Sofia, tua amiga de infância e colega de sala.”

Sofia pegou o envelope, abriu e olhou para dentro daquele vazio, cheio de esperança. O seu olhar ficou perdido naquele espaço imaginando qual seria a reação do amado ao abrir e ler a carta. Dobrou a carta, fechou e colou o envelope endereçado à casa de Thyego. Aproveitou que a mãe iria ao centro e pediu a ela que postasse a carta nos correios. A mãe de Sofia quase levou um susto.

– Correios, Sofia? Eu que pensei que tu só te comunicasses via Whats e estas coisas. Tá bem, deixa eu ver... destinatário... hummm... amor à moda antiga?

– Que é isso, mãe, é apenas uma mensagem de incentivo para o melhor jogador de basquete da escola, que vai disputar as olimpíadas regionais – desconversou Sofia.

– Tá bem, filha, me engana que eu gosto, mas eu já tive a tua idade e também já tive meus amores de adolescência. Pode deixar que eu coloco nos Correios. E boa sorte com o teu "incentivo" – ironizou a mãe de Sofia.

Sofia foi rapidinho consultar na internet os prazos de entrega dos correios, verificando que leva em média uma semana para chegar a carta, mesmo sendo da mesma cidade, devido aos trâmites burocráticos da empresa.

Foi uma semana quase eterna, na expectativa da reação do amigo e futuro pretendido. Mas se passaram os sete dias, passaram mais uns dias, fechou duas semanas e apenas olhares em sala de aula. Sofia deixou até mesmo de acompanhar os treinos do time de basquete. Toda a vez que sua mãe ia lhe buscar, perguntava o que estava acontecendo com a menina. Queria saber o que motivou a mudança de rotina.

– Filha, antes eu sempre ia te pegar na quadra e agora tenho até que chegar mais cedo, pois tu já estás no portão me esperando.

– Nada, mãe, apenas enjoei de olhar aquela turma disputando uma bola – desconversava Sofia.

E assim mais um dia ia se passando sem nada de novo, sem uma palavra de Thyego a respeito da carta. “Será que os correios falharam e a carta não chegou?” – pensava Sofia. “Fazer o quê?... Se ele não me quer, só me resta chorar minha tristeza e seguir a vida como Deus quer.” – Murmurava sozinha.

Sofia estava se resignando à dor quando chega em casa e sua mãe vai até a caixa de correios e pega a correspondência.

– Conta de telefone, propaganda de igreja, conta de luz, propaganda política, conta da internet... SOFIA! Uma carta para ti. É do "incentivo".

– Mãe, me alcança já esta carta, não me sacaneia.

Sofia recebe de sua mãe a carta e a abre, cheia de curiosidade. Porém, resolve esperar chegar ao seu quarto para ler com mais privacidade. Seu coração bate tão rápido, a ansiedade é tanta que parece uma pipoqueira a bater no peito.

Pega a folha de caderno – meninos! – sussurrou Sofia; e começa a ler a carta do amigo amado:

“Querida Sofia, eu sei que temos WhatsApp, temos Twitter, temos sms, temos e-mail e tantas outras maneiras modernas de nos comunicar, mas eu prefiro enviar um pedacinho de mim escrito neste papel.”

Sofia interrompe a leitura e xinga o seu príncipe:

– Folha de caderno, repetindo minhas palavras, o que mais vou encontrar neste papel?

Continua a leitura:

“Em cada letra desta carta vai um grito de dor que sinto há muito tempo em minha vida. Pode parecer exagero, mas quando te vejo também me falta o ar, talvez por isso eu não tenha conseguido falar contigo. Toda a vez que passo por ti o meu pequeno mundo fica parado, mas não gosto do filme Matrix, nunca vi. Sofia, a gente se conhece desde as trocas de fralda, e eu também não quero lembrar das tuas fraldas sujas. Mas lembro que desde aquela época eu já sentia algo por ti. Talvez no início uma afinidade e uma amizade bem grande por sermos parecidos. Talvez o meu amor não fosse maior do que o universo, talvez do tamanho

de todas as salas de aula em que fomos colegas. Eu também te peço, me ama, me faz feliz, por favor, mas me aceite do jeito que sou. Posso ser atleta de basquete, mas não tenho a mesma desenvoltura que tu tens para enfrentar nosso problema. Tá. eu sei que tu sempre dizes que não é problema, quem sabe um dia eu deixe de chamar de problema. A coragem que te falta para assumir pessoalmente este amor é a dupla falta de coragem que tenho para assumir um amor em cadeira de rodas. Eu sempre tive medo que essas rodas que nos conduzem desde a infância fossem atrapalhar a paixão que tenho por ti. É uma coisa boba, eu sei, mas agora, o meu mundinho virou um universo, do tamanho do amor que sentimos um pelo outro. Sofia, eu assino com estes garranchos e te digo, vamos levar o nosso amor ao mundo e mostrar que o amor não escolhe forma de locomoção. Thyego"

Sofia então move sua cadeira de rodas pelo quarto, ensaia um rodopio como fazem os atletas do time de basquete de cadeirantes e grita:

– Mãe, eu tenho um namorado

## Adolescência flor

*Juliana Karol de Oliveira Falcão*

Em um campo repleto de girassóis

[contemplo a minha existência.

Meu sol, meu verão, minha adolescência.

Brotava na cachoeira da vida que deságua no mundo.

Parceira do tempo, da felicidade e, até mesmo, da dor

Que nos sufoca vez ou outra, de maneira mais forte

Do que qualquer outra fase da vivência.

Minha sublime adolescência,

Fase das vendas retiradas.

Fase de enxergar o mal que os pais tentaram encobrir.

Fase da reviravolta dos ponteiros,

Do amor ardente e passageiro

Que nos faz pensar que tudo acabou.

Não me julgues, tempo futuro.

Por cada dor sentida e questionada.

Pela descoberta lenta e gradual

De que o sofrimento apenas começou.



Pela descoberta ou percepção  
De que não podemos ser felizes o tempo inteiro,  
E de que amores vêm e vão.

## Arma é legal

*Vitor Miranda*

me lembro dos tempos de criança onde a televisão dizia criança esperança enquanto didi fodia com a vida de dedé. que trapalhada. mas isso era de domingo. durante a semana escola e até então as tardes eram campeonato de punheta na casa do Dilsinho. a gente apostava quem gozava mais longe. tinha moleque que ainda nem gozava e nem tinha pelo no saco. o Mateuzinho era desses. mas um dia Mateuzinho chegou na escola com um papo que o pai dele comprou um oitão.

– o que é oitão?

– é um infinito gigante.

– cala a boca. oitão é revólver.

– por que seu pai comprou oitão?

– você não viu o presidente falando que as pessoas precisam ter revólver em casa pra segurança da família?

– então, meu avô deu revólver pra minha avó. ela usou duas vezes. uma vez quando o corinthians ganhou o campeonato de 77 e outra quando meu avô traiu ela.

– ela matou seu vô?

– não. minha vó era ruim de mira e meu avô era bom de corrida.

– meu avô deu um tiro na cabeça.

– como assim?

– não sei. tava triste. não tinha o que fazer em casa. resolveu usar o revólver.

na quarta-feira saímos da escola e fomos pra casa do Mateuzinho. eu, Dilsinho, todos os maninhos, Zézin, Joca e Antonho. chegamos e batemos uma bronha assistindo "amor estranho amor". dessa vez nem teve ganhador pois Mateuzinho descabçou no gozo e todo mundo parou pra encher ele de tapa na comemoração do desvirginamento dos espermatozoides. ficamos jogando um game. mal a agente sabia que no futuro a gente poderia pegar bike e carro pelas ruas em qualquer lugar. a vida parece GTA. falando em GTA. a gente tava matando geral quando alguém teve a Brilhante ideia de IUstrar a arma do pai do Mateuzinho. desculpe o trocadilho com o torturador.

– qualé Mateuzinho, pega a arma lá pra gente brincar.

– esse negócio não é pra brincar.

– como não? se até o presidente fala pra gente ter arma por que a gente não pode brincar?

– é, quando eu era criança queria ser presidente.

– mas esse presidente é militar.

– meu avô era militar.

– ele que deu a arma pra sua avó?

– sim.

– o meu avô que se matou também era militar.

– baixo astral. pega a arma logo.

Mateuzinho pegou a arma. todo mundo ficou maravilhado. era a primeira vez que a gente via um negócio desse.

– deixa eu ver. deixa eu ver.

– manos, vamos guardar. meu pai não vai gostar disso.

– ixi tá com medo?

– para de apontar essa merda pra mim.

– nem deve ter bala...

PÁ!

estalo seco secou nossas gargantas. foi sangue pra diabo por todo lado e massa encefálica pelo quarto junto ao gozo no chão. pra quem se perdeu nos diálogos foi Zézin que atirou. esse aí ficou branco. não o vimos mais na escola. nem ele e nem Mateuzinho é claro. seu Mateuzão deu um tiro no próprio coração com a mesma arma que a vida deu adeus pro filho. naquela época era comum. depois teve campanha do desarmamento e pra ter arma só no mercado alternativo. mas daí surgiu outro presidente que dizia que ter arma era legal. tô lembrando disso pois acabei de ouvir um estalo seco no apartamento vizinho.

## Eterna adolescente

*Thaís Costa de Almeida*

Eu andava depressa,  
contas a pagar,  
tinha tanto o que estudar.  
Sempre olhando pra um relógio  
que estava sempre a controlar  
a minha vida,  
minhas ações.

Porque eu me preendi  
ao mundo dos adultos, das metas,  
que me esqueci  
por muito tempo  
da menina boba que eu fui.

Resolvi voltar,  
e rever-me no espelho,  
aquilo que eu via o espelho refletir,  
era uma fantasia de mim,  
eu esqueci que eu era uma adolescente em transgressão.

Eu me vesti de alguém  
que não cabia no meu peito,  
a adulta perfeita sem ser realmente.  
Nessa confusão  
esqueci de ser  
quem realmente eu sou.

Eu não sou essa criatura perfeita desfilando  
distribuindo responsabilidades,  
a adulta que chega e sempre passa.  
Meu coração é inquietude  
que se esqueceu de inquietar,  
eu sou uma eterna adolescente  
que quer aprender o que é amar.

E a vida vai fazendo  
isso com a gente,  
fazendo a gente ser máquina,  
fazendo a gente esquecer  
a alegria de ser.

Quando na verdade  
só somos pessoas simples  
que buscam ver o sol nascer,  
onde os nossos corações  
soam tão jovens, tão intensos,  
tão cheios de luz.

O mundo  
e suas responsabilidades  
querem sempre  
que nos esqueçamos  
os adolescentes bobos e gentis,  
que realmente somos.

Talvez aprender  
a amar seja isso,  
seja assumir  
que não estamos prontos  
para tantas responsabilidades,  
que somos adolescentes  
que ainda buscam asas,



para voar por um caminho  
que não esteja molhado de lágrimas.

## Meus primeiros amores

*Ronilson Lopes*

### PRIMEIRAS PALAVRAS

O menino macho torna-se homem quando tem, entre seus braços, uma mulher gemendo de amor, disse meu pai, e eu aprendi, desde menino. Porém, para um caboclo tímido, criado na roça, afirmar-se como homem, desta maneira, não era uma tarefa simples.

Os doze anos se foram, vieram os treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete... e, os vinte...enfim, e nada, eu era só um menino cheio de imaginação e expectativas, ansioso para obter de volta o desejo depositado em uma mulher amada.

Que não eram poucas... Eu olhava para uma e pensava comigo, se aquela morena me quisesse, eu quero, e aquela branquinha? Também! E aquela negra esbelta? Com certeza. O meu coração era repleto de sentimentos. Eu sonhava namorando apertadinho com uma, entrando na Igreja com a outra, dormindo de conchinha com uma terceira e assim por diante.

No entanto, eu não era o tipo que atraía as mulheres, não exatamente pela beleza, algumas delas até me achavam atraente, porém, eu era muito tímido, talvez por ser do interior e sem grana. Eu nunca sabia o que falar, parecia

tudo muito estranho como se eu viesse de algum mundo completamente diferente.

Mas eu sonhava demasiadamente em conseguir alguém com quem eu pudesse, você sabe... passear nas curvas da praça, sentir o cheiro do perfume...essas coisas que os casais de namorados fazem.

Uma vez me ensinaram que se pusesse uma fruta debaixo do travesseiro e rezasse dez Ave Marias antes de dormir durante três semanas eu conseguiria uma namorada, mas eu não sabia rezar direito e nunca completava as semanas e mesmo que completasse continuava sem namoradas, mas um dia, seja por qual motivo tenha sido, isso veio a acontecer, continue lendo e saberá.

## O PRIMEIRO BEIJO

O primeiro beijo deu-se assim. Ainda na infância quando eu morava em uma fazenda, longe, longe. Meus pais tinham muitos parentes espalhados pelo Brasil afora. Um dia chegou uma tia com duas filhas lindas. Uma magra e delicada e outra morena meiga e singela.

Tornamo-nos bons amigos numa rapidez que só vendo. Notei que a mais velha olhava para mim com certo encanto. Contava-me muitas histórias lindas e falava de coisas muito distantes de onde ela morava, eu achava tudo um encanto.

Certa vez, falou-me sobre fazer respiração boca a boca, pareceu-me muito estranho porque eu morava em um lugar seco da peste, eu não conseguia imaginar bem qual a serventia de algo do tipo (ainda não havia assistido os filmes americanos), porém topei.

E, ela encostou sua boca na minha.

Lentamente inflou minhas bochechas com a sua respiração e eu senti uma sensação maravilhosa como se algum anjo celestial tivesse me dado seu sobro de vida, eu fiquei eufórico e paralisado ao mesmo tempo.

Um beijo? Não sei. Só sei que foi maravilhoso. No entanto, ela foi embora no outro dia para Minas e eu fiquei pensando nela durante um ano inteiro. Quando eu deitava eu pensava nela repetindo aquele gesto; quando olhava para as paredes e sentia o seu cheiro, repetia as palavras e beijava minha mão imaginando seus lábios.

Enfim...

Esperei-a no próximo verão, ela não veio, no outro, também não, nem mesmo no outro... não veio nunca mais.

Esse beijo não deixa a desejar para nenhuma grande história de amor, primeiro porque começa com uma expectativa, segundo com demonstração de carinho e, finaliza com uma grande decepção, essa foi minha primeira grande desilusão.

## A PRIMEIRA CANTADA

O meu pai resolveu que eu e meus irmãos deveríamos estudar. Comprou uma casa em uma cidade chamada Goiatins no Tocantins e despachou-nos para lá. Uma vez lá minha mãe resolveu me matricular em uma escolinha de adultos, pois eu já ia fazer quinze anos e só tinha a primeira série.

Até aí tudo bem, no entanto, ela achou que eu estava muito atrasado e me matriculou na terceira série no segundo semestre. Não preciso dizer mais nada, eu não só me sentia um peixe fora d'água, eu era um peixe na poeira (metáforas de peixe para nordestino é fogo).

Só para dá uma ideia, às vezes, a professora dizia após copiar um longo texto no quadro, “quem for terminando pode ir embora”, nossa Deus, eu ficava sozinho mais de uma hora copiando, cheio de vergonha.

Foi logo eu comecei me engraçar de uma moreninha. Ela tinha peitos grandes pareciam dois cocos da praia. Eu tinha, por esta data, alguns “amigos”, os quais me incentivaram, “cara, ela está afim! Você tem que chegar junto”. Assim eu fiz, puxei assunto, Deus do céu, uma semana inteira de gozação de minha cara – “Mané chegou e disse, você tem namorado? Ahhhhhhhhhh como se ele tivesse chance”.

Era um saro só, eu era um jeca no meio da galera da cidade e que já estava enturmada, servi de bode expiatório para muitas risadas. Um vez atrás da escola uma turminha

pegou nos braços de uma menina lá das bandas do interior, o pai dela era conhecido do meu pai, mas ela já estava na cidade a muito tempo, e disseram, beija compadre, eu hesitei, achei que ela iria cismar, que nada, quando soltaram ela mesmo disse, “perdeu a chance mané!”, que ódio que eu tive de mim, foram tantas risadas, mas pelo menos acho que aquele gesto não iria me fazer melhor, se eu tivesse que dá um beijo esse teria que ser um pouco mais por mérito (pareço até romântico).

## O PRIMEIRO ENCONTRO

Meu irmão encostado conseguiu uma namoradinha chamada Lélia. Ela era linda. Esguia, pele clara e olhos de mel. Por conseguinte, a prima dela, Viviana, a Vivi, mandou-me cartas, muitas cartas dizendo que queria namorar comigo. Embora a casa dela ficasse a umas três ruas acima da minha eu não tinha contato com ela, a não ser por carta.

Sempre que chegava uma carta eu rapidamente elaborava outra. Eram sempre cheias de encanto e ternura. Não que fossem melosas, eu não era do tipo, porém eram cheias de histórias, de informações (focas mesmo). Nós estávamos namorando.

Certa vez recebi uma carta de Vivi que dizia para eu ir até a casa dela, (ainda não disse, mas o faço agora, ela tinha muitos irmãos e o pai dela era valente), naquela ocasião o velho não estaria, pois, estava de viagem. Deu-me todas as coordenadas, eu deveria entrar por uma brecha na

cerca do quintal e a esperar debaixo de um pé de manga que ela, quando fizesse os meninos dormirem iria me encontrar.

Cheguei cedo. Ansioso que só vendo. Entrei pela brecha com cuidado e fui até a referida mangueira que ficava à esquerda no final do quintal já na divisa com outro terreno.

Eu ouvia a voz dela e dos muitos meninos. As horas passavam e parece que eles não tinham sono. As horas eram intermináveis e eu estava a cada segundo mais ansioso para falar com ela.

Quando de repente ouvi passos no escuro. Alguém se aproximou e pelo que parece se agachou bem próximo a mim. Eu fiquei imóvel, pois não sabia ao certo quem era aquele ser, que com certeza não era a minha Vivi.

O coração estava ao ponto de sair pela boca. Meu Deus, quem será e o que deseja? Surpreendentemente ouvi: Boouuuuuuummmmm!!! Nossa é isso mesmo, aquele ser estava soltando flatos um atrás do outro, boummmm, puuummmmm!!!

Rararara!!! Estourei!!!

Deus do céu, aquilo era surreal. Aquele ser estava cagando quase em cima de mim. Levantou rapidamente e se dirigiu a casa vizinha a da minha amada e em poucos segundos vinha juntamente com outra pessoa com uma lamparina na mão a procura do intruso risonho, e o pior é que me encontraram.

Daqui a pouco estava rodeado de meninos.

E acabou o encontro. As cartas continuaram até o dia que fiquei sabendo que elas eram lidas para a rua inteira. Deu merda.

## A VEZ DA DOUTRA

Meu irmão foi embora. Volto em um ano. Não voltou. E aí foi a minha vez de dá uns amassos na gata dele. A Lélia. Ela me deixava excitado só de olhar as pernas dela.

Um dia a encontrei no centro da cidade por ocasião de algumas festividades, um Park que havia chegado. Chamei-a para conversar. Tomei coragem e disse que queria namorar com ela, que gostava dela. Ela disse que estava esperando o meu irmão, porém eu disse, ele não vai voltar. Ela ficou pensativa e disse:

Pode ser.

Nem acreditei.

Puxei seu corpo para o meu, ela estremeceu. Então eu disse, uai você não disse que aceitaria?

Dei um beijinho nela, ela beijava estranho ou era eu mesmo que não era acostumado.

O problema maior é que ela era evangélica e queria que eu fosse para a Igreja do Véu. Eu ia toda semana e ficava olhando para ela. Nosso namoro era isso.



Porém um dia ela combinou comigo de ir encontrar com ela no fundo do quintal dela. Achei ótima a ideia, pois eu estava doido para dá uns apertos de verdade naquele corpinho lindo.

A ida não foi fácil. Tinha que atravessar dois quintais para chegar até o da casa dela. Esperei desde as onze às duas da madrugada e ela não apareceu.

A segunda vez não foi mais esperançosa, ela demorou tanto e no lugar dela veio uma chuva que quase me matou de resfriado, pelo menos isso não foi culpa dela, assim nem deu para sentir ódio.

A terceira foi definitiva. Cheguei cedo. Fui bem para perto da porta da casa dela e fiquei imaginando, hoje ela sai que ela não tá com o diabo nos coros (já estava com muita raiva daquilo), quando de repente a porta se abriu, é ela, pensei, coçando os olhos, que nada, era o pai dela e junto com ele uma espingarda, quando ele foi apontando eu já ia passando o arame do quintal, só pude ouvir um filho da puta! Ainda hoje tenha a cicatriz na bunda para lembrar a decepção.

Lélia foi embora, quando veio já era casada com um playboy e, eu fiquei com duas cicatrizes, uma nas nádegas e outra no coração, a primeira cicatrizou, a segunda ainda dói, mesmo assim, fui um sortudo, se o pai dela me pega teria sido bem pior (é sempre bom tirar uma lição positiva).

## A TERCEIRA

Encantou-se por mim uma menina, ou melhor, uma senhora. Tinha muitos filhos e já tinha tidos todos os homens da cidade, para piorar boa parte deles eram meus conhecidos.

Até aí, tudo tranquilo, o problema é que ela queria bancar a mocinha comigo. Chamava-me para namorar no seu portão, não queria saber de outra coisa.

Já deve ter notado que a primeira coisa que ela fez foi me apresentar para os seus pais e para seus filhos, que eram uns cinco e para piorar eles me chamavam de pai.

Depois danou-se me pedir dinheiro a cada hora, era para o gás, para o arroz, sempre havia alguma coisa com que eu tinha que contribuir. Meus amigos ou inimigos zombaram, diziam, que por ela ter seios grande que me dava de mamar, era uma gozação, depois diziam que já haviam dormido com ela e que eu era um bobo por não fazer o mesmo.

Até que um dia eu toquei no assunto, não bem deste jeito, primeiro fui passando a mão em suas coxas, mas ela tirou e disse, o que está pensando acha que sou dessas, e foi logo o velho saindo para saber o que estava acontecendo, eu fiquei foi triste com aquela história.

Depois ela não penteava os cabelos, quando me encontrava na rua agarrava a minha mão ou me apertava todo e os meninos me arrodilhavam me chamando de pai.

Certa vez disse a ela que minha mãe não estava em casa e que queria que ela fosse para lá, no que ela me disse, se eu for até lá eu não volto mais. Fui-me embora e nunca mais a convidei para nada, vai desgraçar outro.

## A QUARTA

Um amigo apresentou-me uma menina chamada Maria. Era branquinha e muito bonita. Porém, ela era muito tímida, bem mais que eu. De vez em quando eu ia até sua casa. Ela tinha mais duas irmãs, as quais conversavam muito, puxavam assunto comigo, eu melhor, perguntavam e eu respondia.

Um dia pedi que meu amigo levasse um recado dizendo que eu queria sair com ela para tomar um sorvete, ela topou. Tomamos o sorvete, caminhamos e falar que é bom, nada.

Lá pelas tantas eu perguntei a ela se ela topava namorar comigo, não sei que milagre ela disse que sim. Dali por diante de vez em quando saíamos para a praça, geralmente para um sorvete, e depois ela começou a frequentar minha casa, porém, ela nunca falava absolutamente nada.

Nosso namoro consistia em ficarmos sentados um de frente para o outro por umas duas horas e depois ela ia embora. Na saída dávamos um selinho e só.

Até que me cansei. Terminei com ela, vai ser tímida lá para a baixa da égua.

Uma semana depois ela veio até minha casa e chorou muito, pediu para voltar, mas eu disse não. Não estava afim, ela perguntou por que e eu não soube responder.

Um mês depois, ainda sem ninguém, me arrependi. Aí foi minha vez de ir até a residência dela. Estava disposto a pedir para ela voltar, estava disposto a pedir perdão, crente que ela voltaria.

Cheguei lá, levei um susto, ela estava com outro, feliz da vida, depois fiquei sabendo que ela até se casou com ela, pior para ela, perdeu um tímido e indeciso.

## A QUINTA

Em todas as férias eu retornava para a fazenda onde morava meu pai, para de algum modo ajudá-lo nos afazeres da roça. Mês de julho, geralmente o trabalho era ajudar colher algumas produções da época da seca, em dezembro e janeiro era plantar arroz e capinar terra para plantar.

O trabalho era intenso, porém, à noitinha, sempre um dos meus irmãos e eu costumávamos ir até a casa de uma vizinha para bater papo, jogar cartas, esse tipo de coisas.

Nesta casa, a qual estou me referindo, havia quatro mulheres, uma senhora, mãe de três meninas, a primeira já era casada, as outras duas não, ainda eram muito novinhas.

Notei que a do meio começou a gostar de mim. Geralmente ficávamos conversando, dizendo bobagens. Ela costumava me zoar por tudo, tirar sarro, rir da cara da gente, estas coisas de menina do interior.

Nas primeiras férias, não aconteceu nada, na segunda também não. Até que um dia ela apareceu lá por casa na cidade e me deu um beijo, sendo assim, pensei, vai ser legal nas próximas férias.

Porém, nas férias seguintes a mãe dela havia arrumado um marido. Era um velho cheio de manias, ciumento que só vendo e ainda por cima era metido a valente.

As coisas continuaram do mesmo modo, sempre íamos jogar baralho lá até altas horas da noite e voltávamos para casa no escuro. Porém um dia, inventei de ficar por lá e, disse no ouvido dela, vou ficar aqui, venha para minha rede.

Ataram a rede na área, um frio danado, passei a noite acordado e a menina não apareceu. Fiquei cheio de ódio, no outro dia perguntei o que avia acontecido e ela me disse que tinha passado a noite com dor de dente e, portanto, não foi.

Outro dia, fiz a mesma coisa, fui ficando por lá, puseram-me uma rede na varanda fria. Enquanto todos

dormiam eu estava esperando ansioso que só bicho acuado. Lá pelas tantas ela apareceu na minha rede, deitou-se devagar, meu coração agitou-se, ainda mais porque o velho, vez por outra tossia e ela, estava morrendo de medo, disse em meu ouvido:

– Sabe o que acontece se ele acordar?

– Não, o quê?

– Ele te mata.

– Hum!!!

Mas eu estava doido, já fazia tempo que eu sonhava isto, não podia perder aquela oportunidade, eu a queria, não me importava se ele me matasse, eu queria era me enroscar naquela carne.

Fui enfiando minha mão dentro da calcinha dela. Ela disse, tem camisinha, eu disse, não tenho, então, não vai rolar, ó desgraça, pensei comigo, e continuei a passar a mão em seu corpo, quando de repente eu estava todo molhado.

O velho continuava tossindo danado. O meu corpo amoleceu como um picolé dentro daquela rede, eu soava como um condenado, só me restou pedir desculpas e ela se levantou e foi dormir.

Fiquei com tanto ódio, de mim mesmo, que me levantei e fui embora no meio da noite escura sentindo tanta vergonha que nunca mais olhei para a cara dela.

## SIMPLES, E GOSTOSO, E EXTRAORDINÁRIO

Após a morte de minha mãe eu pude conhecer a minha querida terra natal, Carolina, no Maranhão. E lá, meus muitos parentes por parte materna, o que foi uma grande satisfação, principalmente, as primas.

Entre elas, uma que acabara de chegar da capital. Era extremamente linda. Morena, esguia, castanhos olhos grandes, rosto fino, macio, mãos delicadas, olhar seguro. Tinha seios duros e pontudos, dava para vê-los furando a blusa.

Falava com suavidade. Porém, com aquela expressividade própria de quem saiu da adolescência, como uma farfalha louca para se consumir na luz de qualquer impulso que lhe despertasse paixão.

Pronunciava coisas singulares, que para mim, menino tímido, da roça, eram difíceis de serem copiadas, tais como jogar futebol em um grande estádio ou mesmo viajar sozinha para muito distante, enfrentar a vida.

Relatava sonhos e possíveis oportunidades de jogar no estrangeiro. Eu, ali, na minha estreiteza, nos limites da pele, simplesmente nos do espaço frouxos dos próprios sapatos.

Todavia, naquela mesma data, chegou também um primo, meu e dela, que reuniu todo mundo da Rua da Coló, minha avó amada, e fomos todos para a ilha dos Botes.

Uma vez lá, ela se veio, beirando a noite, ainda me lembro como agora, com uma blusa azul de manga longa e um shortinho e se achegou neste corpo burro, estupidamente imóvel, cruzou os dedos da mão direita nos meus e trouxe seus lábios em minha boca e beijou-me docemente.

Depois, desse baixinho – quero você.

Há!...

Meu corpo, estupidamente burro, não se mexeu. – Meu Deus! Mexa-se, estúpido! Fala!

Apenas minha parte safada ficou agitada dentro das minhas calças, fazendo-me pôr as mãos nos bolsos enquanto meu coração disparava ao ponto de explodir meu peito.

Ela se afastou e eu me senti, além de estúpido, maravilhosamente feliz. A cabeça girava, as pernas tremiam, as mãos suavam e eu me sentia cheio de excitação.

Porém, os estúpidos sempre estragam tudo, não sei o porquê, passei o resto dos minutos, das horas, à noite e as semanas seguintes quando o passeio acabou esperando outra iniciativa que não mais aconteceu.

Corpo burro da peste, só podia mesmo sofrer na demora de uma espera infeliz.



## O NATAL

O tempo passou. (Eu cresci), fui embora para cursar faculdade na capital do queijo. Os muitos trabalhos naquela instituição me fizeram perder um pouco a timidez, embora eu continuasse puro, e, até certo ponto, inocente, embora sabia fingir que era homem, melhor que ninguém.

Quando retornei de férias para passar o Natal com a minha família. Na noite de Natal, resolvi dar uma volta na praça dos Hots em Carolina. Havia muita gente. Dei umas duas voltas. Na última delas encontrei minha querida prima umas onze horas da noite.

Chamei-a para tomarmos uma cerveja. Ela topou. Assim foi, tomamos uma, duas, três...eu já estava alto e resolvi abrir o coração. Falei de meus sentimentos, que gostava dela, que ela era linda, essas coisas que os homens falam.

Ela ficou me olhando com aqueles olhos cheios de ternura. Comecei passar minha mão no rosto dela e foi a cereja do bolo que faltava, em seguida dei-lhe um grande beijo.

A praça estava cheia, agitada, foi aí que tive uma ideia. Chamei-a para um lugar mais reservado. Ela disse, pode ser, mas onde? Levantei e peguei-a pela mão e saí um tanto sem rumo. Fomos andando e procurando um lugar para ficarmos mais à vontade.

Seguindo a rua encontrei um beco perto da outra praça, a do Sertão Maranhense. Era um beco escuro, perfeito. Encostei-a no muro e comecei a beijá-la.

Ela estava louca e me puxava sobre seu corpo. Arranquei-lhe a blusa e mordi a ponta de seus seios, incrível, ou eu estava sonhando ou estava muito embriagado, mais saíam leite.

Em seguida fui desabotoando sua calça, quando de repente passou um motoqueiro, só notei que o farou nos iluminou rapidamente, mais nem dei atenção.

Eu estava muito bêbado, mas se bem me lembro, era meia noite, pois os fogos estouraram. Aleluia, aleluia, aleluia... iluminando o céu dentro de mim como um turbilhão.

*Enzo Fuji*

certeza minha  
é a madureza

maduro estou  
só falta a dureza

## Aluna no País das Livrarias

*Léo Ottesen*

Fazia menos de alguns dias que eu havia saído da prisão, digo, publicado um livro, então ainda sentia o cheiro do papel quente e da tinta preta pra todo lugar que eu olhasse. Tudo era Letras. E poesia era Tudo.

Foi imerso nessa brincadeira de criar que eu conheci o Professor. Um indivíduo redondo, de largas experiências e roupas. Cabelos, tinha poucos. Mas óculos... contei uns três: de sombra, pra perto, pra longe. Gente sábia tem muitos óculos. A voz do Professor era de um tom brando, quase morno, e prendia a atenção das gentes. Não cheguei a conhecê-la gritada. Talvez nem ele mesmo a conhecesse gritada. Gente sábia fala baixo.

Depois das devidas sedas rasgadas e dos pós de giz jogados ao ar, fui sentar no fundo da sala. Agora eu era um espião do futuro. Um quase aluno, um quase (eu mesmo!) professor, uma metamorfose, um quase. Estava no limbo do Sistema: intocável e mudo.

Logo mais, muito tímida, ela me cutucou por trás e disse que era legal eu escrever porque ela mesma gostava de escrever mas não escrevia direito porque não conseguia colocar as ideias direito no papel. Quando terminou de falar, eu já sabia o problema que ela tinha com a escrita. Faltavam as vírgulas!

Nós, então, continuamos a conversa, que foi de querer-escrever a gostar-de-ler em duas olhadas sérias do Professor. Paramos uns minutos, porque ele não parecia gostar de aluno que conversa. Muito professor não gostava de mim porque eu era um aluno que conversa; muito aluno vai gostar de mim porque eu vou ser um professor que conversa. A vida tem dessas coisas.

O quadro abarrotado e o recreio batendo na porta, o Professor disse que podiam conversar baixinho. Algo me diz que o “baixinho” tem a ver com o fato de as pessoas sábias falarem baixo. Talvez uma mensagem subliminar a fim de que os alunos, ao falar baixinho, se tornassem mais inteligentes. Não sei.

Foi aí que a Aluna se apresentou e nós desfizemos o hiato. Sentamos um de frente pro outro e eu indaguei: “Mas como assim?”. Ela sabia o que eu queria dizer. Momentos antes da segunda e decisiva mirada do Professor, a Aluna tinha me contado que, mesmo querendo escrever, ela não tinha o hábito da leitura. Aquilo era uma afronta a tudo o que eu prego e martelo e escrivãozinho diariamente nas coisas que eu digo! Um escritor pode até não escrever, mas ler, ele tem que ler. Oras!

Eu, enfim, me coloquei no papel de Pai (cuja inicial idêntica à de Professor não pode ser por acaso) e perguntei pra Aluna por que ela não tinha interesse pela leitura. Ela falou que livro é caro; eu falei em biblioteca. Ela falou que é mais rápido ver um filme; eu falei que o filme não faz imaginar nem refletir profundamente. Ela falou que não tem

tempo; eu falei pra ler no ônibus. Finalmente, depois de eu ter cortado a golpes certos cada uma das suas desculpas, digo, argumentos, a Aluna disse que não sabia o que ler, nem por onde começar.

Eu resolvi nem perguntar se os professores pediam leituras. Em parte porque já sabia a resposta, em parte por morrer de medo da confirmação. Fui apenas falando sobre os diversos mundos construídos na literatura e como ela, tão nova, só tinha contato com uma pequena parte desse mundo nosso, o tal do mundo real. Eu disse então que, para poder escrever, é muito importante que a gente conheça várias realidades, porque assim vai ser mais fácil, mais natural criar mundos novos.

A Aluna ouviu tudo atentamente, sem abrir a boca (o que eu achei estranho), e depois concordou com a cabeça. Enquanto eu discursava, percebi nitidamente o cheiro de papel antigo saindo dos poros dela. Mas não me precipitei. O caminho é longo e a pena é pesada, o primeiro passo é o mais comprido. Antes de ela virar Escritora ou Leitora, eu precisava fazê-la ler.

Nós continuamos falando sobre arte, mas eu manipulei um pouco a conversa a fim de descobrir qual era o mundo dela. A minha querida Aluna, mais do que depressa, mostrou ser uma pessoa decidida, até brava, e que sonha com um mundo melhor. Ela queria ser escritora pra poder criar um mundo diferente. Foi quando eu dei um sorriso meio de lado e puxei o bife pro meu prato: “E professora?”.

Com essa pergunta, eu consegui ouvir os pensamentos zunindo pela mente da Aluna. Cheguei a pensar que tinha ido longe demais. Era hora de largar a âncora no ponto onde tínhamos chegado. Sobre o outro assunto, nenhum esforço meu faria diferença. Ou a Aluna seria picada pelo bichinho ou não.

Talvez fosse acaso, mas justamente nesse dia eu tinha dois livros comigo. Um de poesia, do Leminski, e outro de contos, de Outro. Depois de feitas as recomendações, como a de cuidar bem dos meus bebês e de não se importar se não amar tanto quanto eu amo, entreguei as obras à Aluna e indiquei mais uns textos cujos títulos eu tinha decorado não sei por quê, mas isso devia ser um bom sinal e, portanto, ela tinha que procurar e ler.

Os olhos da Aluna brilharam por alguns segundos e eu entendi: grandes mudanças podem surgir de pequenos esforços. Talvez ela não se torne uma grande escritora ou uma leitora ávida, quem sabe até não goste de nenhum dos textos nem me procure pra pedir mais indicações. Pode ser, não sei. Mas pode ser que ela venha cheia de textos dela, escritos naquele hieróglifo de ensino fundamental, cheios de sentimentos e erros de ortografia. Pode ser que ela queira discutir sobre os livros que leu, sobre como pegou emprestado um livro da vizinha e os personagens eram vazios. Pode ser que ela convença o irmão mais novo a ouvir as historinhas que ela quer contar. Pode ser, não sei. Ela falou que me devolve os livros amanhã.

## Os atiradores da minha escola

*Fernanda Pian*

Os caras chegaram com suas armas

Dizem que avisaram

Mas as pessoas olharam pro chão, confusas

Dão desculpas e dizem que não entendem o que está acontecendo

Alguns dizem que não foram ouvidos

Eu sei que cada morte fará deles as pessoas felizes que nunca foram

Eu sei daquela comida que mastigaram no refeitório com suas caras regulares

Eu sei dos livros que carregaram em suas mochilas surradas com sangue e lágrimas

Eu sei dos seus pés arrastados até suas casas

Os outros adolescentes gritaram, porque é isso que eles fazem, gritam

Quem está fugindo agora?

Alguns ficaram horrorizados com seus sorrisos por mortes

Eu estou aqui sentado esperando atirarem em mim



Talvez eles andassem pelos corredores procurando alguém  
para conversar

Parece que não acharam, né?

As salas de aula ficam vazias quando só resta você

As janelas nas aulas podem até mostrar árvores se mexendo,  
mas sua vida vai continuar andando para trás

Logo logo você parará até de sentir o frio

Tem um pouco de sangue no canto da boca de um deles,  
duvido que liguem

Eles passaram reto por mim, acho que era porque eu era o  
único que estava sorrindo

Disseram que eu também merecia ser feliz

Vai ver a dor deles me reconheceu

Era um estilo antigo, eu só pude ver as pessoas caindo pelos  
corredores, gritos e depois de uns minutos a sirene da  
polícia

Eu só fiquei com medo quando a polícia chegou

Quando estavam todos morrendo e caindo no chão, eu  
estava perfeitamente calmo

Eu me escondi no banheiro

Eu queria ficar ali para sempre

Era tão harmonioso

Me tiraram de lá

Perguntaram se eu estava bem

Eu disse que não

Disseram que era compreensível

Eu disse que queria voltar

Eles disseram que eu não iria conseguir salvar ninguém

Mas eu queria me salvar

Eu queria voltar para paz daquele cemitério

Eles queriam me arrastar para um horrível hospital triste

Eu queria ficar naquela obra de arte trágica pra sempre

Infelizmente me doparam

Disseram que eu não estava bem

Foi estranho

Eu nunca tinha me sentido tão bem

Quando cheguei ao hospital ouvi na TV que os caras tinham sido mortos

Ouvi pessoas os xingando, mães, pais, prefeitos, estudantes...

Na mesma hora fiz uma carta, eu os agradei por terem me feito tão feliz

Coloquei em cima da minha cama do hospital

E me joguei do terceiro andar do hospital

Foi suficiente

Disseram que entendiam minha morte

Disseram que foi pós-traumática

O único trauma que tive foi quando os culparam pela minha morte, quando os responsáveis eram todos aqueles “bons cidadãos” médicos, estudantes, enfermeiros, jornalistas, professores, parentes, que estavam em volta do meu caixão, aos lamentos.

## A menina, a velha e as arcas

*Luís Amorim*

“Era uma vez... o que tu quiseres”, indicação esta que a menina leu ao chegar no alto do monte onde estava a casa da velha. Tinha saído da sua, vinda lá de baixo, na aldeia, faziam três quartos de hora, aproximadamente, isso mesmo conferiu no seu relógio de pulso, recordando nesse instante o motivo que a levou até ponto aquele de exacta vontade para essa tarde. A idosa tinha fama de ter sabedoria em todo e qualquer assunto e possuir uma arca onde infinitos livros lhe pertenciam lá dentro bem guardados. Na aldeia diziam ser lenda a existência de tal arca da velha mas a menina acreditava que sim, iria ver a arca e todo o seu conteúdo.

Na aldeia avisaram-na «Não vás ao monte, a velha não é de confiança, dizem que tem imensos livros, talvez sim ou não talvez. Também não precisas de ler mais livros, já tens que chegue e ninguém ganhará a vida escrevendo.» Pensamento este que poderia ser atribuído a tanta gente que não a acompanhou na escapada que ela fez monte acima sem o conhecimento de quem quer que fosse gente na aldeia. Não iriam aprovar a sua deslocação, portanto a menina achou por bem retirar-se da aldeia subindo sempre até onde chegou tal e qual como se fosse a fugir de alguém, pelo menos no início porque depois, uma vez no monte, já não precisava de rapidez mas antes de resistência no caminho a subir até estar perante a casa para a qual olhava com alguma admiração.

Depois da leitura à frase de entrada na porta da casa, bateu com as mãos ao de leve, a menina, esperando por resposta. Como os segundos foram passando e ninguém apareceu, voltou a avisar a porta da sua presença, então nessa segunda tentativa com mais força. Pela janela mais próxima, uma senhora idosa olhou na direcção da menina e fez-lhe sinal para esperar. Pouco tempo depois, abriu a porta e perguntou:

«Olá! Que procuras, querida?»

«Quero ver a sua arca e os livros que a enchem por completo. Dizem que não existe mas eu tenho a certeza que sim, a arca está aí dentro da casa.»

«Entra», a senhora segurou a porta, para receber a sua visita.

«Sabe...», começou a menina, já sentada num sofá castanho, de frente para a dona da casa, «...Li e ouvi já não sei dizer onde e a quem que a senhora tem uma arca com imensos livros, qualquer um que eu peça para ver e ler estará por aqui. As pessoas da aldeia dizem que não, que não existe tal arca mas eu acredito que sim, irei vê-la.»

«Aqui não costuma vir ninguém para dizerem se existe arca ou não, nunca a viram ou olharam para o interior desta casa para poderem afirmar com certeza que ela não existe. Arca verdadeira, asseguro-te eu, na qual todas as histórias nela cabem, daí a frase que leste à minha porta. Ali está ela mais escondida se assim a quiseres identificar. Como te chamas?»

«Lana, senhora.»

«E que livros mais procuras?»

«Algo que me ensine como proceder quando não me levam a sério, fazendo pouco de mim, do que eu escrevo ou digo. Adoro escrever mas fazem troça de mim. E também como poderei agir na ajuda aos outros, a quem mais precisa ou dar algo à comunidade.»

Levantou-se a velha com um «Vem comigo» ao que foi prontamente obedecida até à parede da sala, onde discretamente estava a tal arca na cor da madeira clara, atrás de um cortinado que não dava para alguma varanda ou janela, antes servia para encobri-la.

«Como é grande a arca! Deve ter centenas de livros ou mais ainda!»

A velha levantou a tampa e não precisou de muito procurar até tirar dois livros.

«Foi um escritor que em tempos idos a deixou já assim tão cheia e com a indicação de a partilhar mas penso que a maioria das pessoas não quer saber como não quiseram as da altura. Eu vou preenchendo o meu dia na leitura e, agora que aqui estás, podes também desfrutar do quanto agradável é ganhar saber com os livros. Os que retirei da arca são para tu leres. Este aqui tem a sua linguagem sobre como escrever cada vez melhor, não só nas histórias em saber criar imaginação para as mesmas, mas também, na escrita e nos seus recursos para se poder

escrever cada vez melhor. Como as frases saber construir, igualmente no colocar dos substantivos e os adjectivos e em como, por vezes, trocar a ordem deles pode tornar a frase mais bonita. Chama-se inversão de frases e pode dar maior riqueza ao texto. Também os verbos, apesar de ser acertado estarem bem escolhidos e nos seus tempos adequados, se houver ali alguma troca, vais perceber que poderás ouvir um som mais belo quando leres a frase definitiva.»

«Vou querer muito ler esse livro. Também ensina a escrever poesia?»

«Sim, de certa forma. Ajuda na construção dos versos, em como devemos pensar em procurar frases e palavras que estejam próximas da anterior que escreveste no seu significado e em como, se encontrares uma terminação para um verso que te pareça não ter muito a ver com o anterior apesar de com ele rimar, isso pode até ser uma oportunidade para abrires ao poema novos horizontes por onde poderás ir. Conseguirás enriquecer a história.»

«Mas então a poesia também pode contar histórias?»

«Sim. Era o que esse escritor que por aqui passou considerava. A poesia conta um enredo, até com personagens e se leres aqui em como aquelas podem dialogar entre si, vais entender o fácil que será encontrares rimas para os versos. Ele era um mestre nos contos poéticos.»

«Que original. Vou gostar de seguir esse caminho. E o livro que está na sua outra mão?»

«Este aponta a direcção de como organizar uma biblioteca e fazê-la crescer, enumerando as diversas áreas do saber, do conhecimento, de tudo, para que seja o mais completa possível.»

«A biblioteca?»

«Sim, esse escritor disse-me que lá longe, não sei dizer onde fica a terra dele, existe uma com dezenas de milhar de livros, erguida pela vontade dele. Agora, tenho esta aqui na arca para que se possa começar uma biblioteca para a comunidade. Tentei já no passado mas as pessoas não fizeram caso, por isso, deixei passar o tempo, esperando que chegasse nova geração mais dada aos livros e em como poderá ser muito bom estar na companhia deles. Talvez sejas tu um dia a continuar o que pretendeu o escritor na tal biblioteca para comunidade ou de social se assim a poderei nomear. Eu apenas a guardo até que alguém lhe dê o certo destino. Podes levar esses dois livros.»

Estavam já no então da ocasião na mão de Lana que disse «Vou ler com muita atenção e tentar fazer da minha vida este caminho dos livros que agora levo.»

«Boas leituras e muita sorte. Mas tens de fazer por ela para que depois possas dizer o era uma vez terá sido o tudo que tu quiseste.»

«Verdade. Obrigada e até depois.»



Quinze anos depois, Lana era uma escritora conhecida e reconhecida como das melhores, também com sucesso internacional e estava em busca de mais livros do que aqueles que estavam consigo e eram imensos, para aumentar a biblioteca que pensava abrir. Comprava bibliotecas particulares inteiras de pessoas das mais variadas localidades, recebia ofertas de livros de quem assim entendia como boa acção, frequentava as mais diversas feiras em busca de livros antigos, raros ou até recentes e o número de obras ia crescendo a olhos vistos. Recebia mensagens de incentivo de quem sabia o que estava ali a suceder para o benefício futuro de toda a comunidade da aldeia e não só. Até que o grande dia se aproximava cada vez mais.

E assim foi. Estava tudo pronto na inauguração da biblioteca e a velha era convidada de honra perante toda a aldeia mais a criadora do espaço, Lana, a escritora que um dia saiu da aldeia para o mundo no sucesso que a fez voltar sempre até ao local onde nasceu para rever familiares, toda a comunidade e, em especial, a velha, quase uma avó de carinho adicional.

As estantes perdiam-se de vista, não eram fáceis de contar, mas enchiam de orgulho Lana e a sua mentora, já com bastante sabedoria na sua idade. Ambas consideravam que ler é uma forma das pessoas conectarem-se com a humanidade, da actualidade e de todas as restantes eras. Tudo começara numa arca deixada por um célebre escritor mas quando houve conhecimento de biblioteca a ser trazida até à presente vida, arcas sucederam-se cheias de livros

provenientes da vontade do escritor em como aldeia remota iria ter biblioteca de referência de tão completa que fosse, de tal modo que pessoas de fora teriam de ir ver e ler com seus próprios olhos.

«Quantas arcas estarão aqui nas estantes?», perguntava-se menos ou mais com palavras estas ou aproximadas.

«Olhe, são as mais que muitas. Nem o certo escritor deverá saber, esteja ele onde bem entender.» disse a velha. «Pena ele não poder estar aqui connosco mas, sem dúvida, que ele é uma grande inspiração, verdade, Lana?»

«Com certeza que sim. Até porque o objectivo é ir aumentando sempre e espaço não irá faltar pelos terrenos disponíveis que temos à nossa volta.»

Os políticos chegaram em comitiva para a inauguração, todos eles atrasados e distribuíram cumprimentos não por todas as pessoas mas seguramente por muitas das presentes. Houve discursos, elogios e depois comida e bebidas para celebrar o feito de uma aldeia passar a ter uma biblioteca das melhores.

Dois anos volvidos, quando a biblioteca já havia recebido vários prémios e Lana igualmente, diversos camiões chegavam no então alegre dia, carregados e muito, assim se pensava pelos rostos de quem observava como eles, os motorizados veículos de grandes dimensões avançando

bastante devagar. Quando pararam os primeiros, porque os seguintes ainda conduziam devagar até ao parque de estacionamento da biblioteca, foi-se ver o que lá vinha dentro e, para espanto de Lana e demais pessoas que ali trabalhavam, bem como outras mais da aldeia, adicionais livros vinham dentro de tantas arcas que não se poderiam contar na melhor das precisões. Quem alegremente os estava a entregar naquele dia era a velha na representação, disse ela, do famoso escritor, o qual mais uma vez pretendia engrandecer a biblioteca até um número de livros com difícil, se não mesmo impossível, contagem.

# Adolescência

*Silvia Ferrante*

Ser normal ou  
normalmente ser?  
Na sua mente  
o que é ser normal ?

O normal da gente  
na mente dos outros  
pode naturalmente  
deixar de ser normal

E normalmente isso acontece  
porque a mente,  
mente

Mente mentirosa  
que atira prosa  
pra toda gente  
e mente

Mente quando  
quer dizer  
normalmente  
que sou normal  
totalmente

## Trovões

*Mikael Mansur Martinelli*

À tarde o céu escurece

E de repente se ouve

barulho de trovões

Vovó grita:

— Sai do quintal, menino, que São Pedro tá dando faxina!

Mas alguns disseram que eram abóboras que rolavam no céu,

Por isso que faziam barulho

Continuo na dúvida: é faxina ou são abóboras?

Entro em casa e tomo banho

fico na varanda vendo a chuva cair.

Que chato, acabou a brincadeira!

São Pedro resolve fazer faxina

em plena terça-feira!

# Primeiro beijo

*Teresinha Camargo*

Feito algodão doce

No céu da boca quente

Lábios uniu.

## Primeiro amor

*Robinson Silva Alves*

De repente descobro  
Que por você perco os sentidos  
Não sei mais quem sou  
Nem o que digo

Ensaio palavras encantadas  
Até os passos da calçada  
Mas quando a vejo  
Não consigo dizer nada

Converso então comigo  
Vá a frente meu amigo  
Fale com emoção  
Entregue o já entregue coração



Esqueço do tablet  
Até o meu jogo preferido  
Pois o amor faz  
Perder o juízo

Largo até o computador  
Para escrever uma carta  
Uma poesia de amor

Descubro então que sou poeta  
Um adolescente sonhador  
Sonhando com a amada  
Meu primeiro amor

## Amigos inseparáveis

*João Pedro Oliveira*

Eu vou convidar o meu grande amigo para vir cá ter comigo  
Ir à descoberta numa bicicleta, sozinho eu não consigo  
Iremos levar desta vez o lanche que a minha mãe fez  
Dois sumos e pão com manteiga no fundo da minha lancheira  
De manhã cedo vamos os dois com sapatilhas velhas, calções  
A descer pela cidade às risadas, encontrões

Vamos de antemão nesta direção a descer até à praia  
Debaixo do sol jogar futebol, fazer castelos de areia  
E vamos andar de trenó, porque ontem à noite nevou  
Na neve fazer um boneco, gritar e ouvir nosso eco  
Depois buscamos nos matagais insetos, plantas e animais  
Anda embora às cambalhotas e a dar saltos mortais

E vamos fazer aviões de papel, jogar à cabra-cega, andar de carrossel  
Jogar ao pião, mergulhar no rio, descansar no chão a olhar para o céu  
Fazer papagaios, dizer palavrões, saltar de galho em galho, ver assombrações  
Temos de viver sem desperdiçar, se o tempo vier e nos separar

Quem sabe um dia talvez não vamos ser três, nem sequer andar à briga  
Andarmos até ao muro e pontapé só por uma rapariga  
Mas isso só sabe o destino e eu sou ainda um menino  
É tarde, mas não tenhas pressa. Vem cá, faz-me uma promessa  
Tu, aconteça o que acontecer, para sempre meu amigo vais ser  
Vais contar-me os teus segredos, os teus sonhos, pesadelos  
Que tu não contas a mais ninguém, e eu vou contar-te os meus também  
Cospe e aperta a minha mão, vemo-nos por aí, então até amanhã



## Sobre os autores

**Enzo Fuji:** Escreve poesia, mas não se considera poeta. Ainda não sabe o que quer ser e como quer que seja. Vencedor do prêmio da editora Lamparina Luminosa no estopim de 2017, junto com mais nove autores, que serão publicados em uma antologia. Publicou, no final do ano de 2018, aos 18 anos, o seu livro de estreia pela editora Patuá, *Depois que seja tarde antes que seja nunca*, com poemas escritos entre os 16 e 17 anos. Tem poemas nas revistas literárias *Mallarmargens* e *Ruído Manifesto*. Ainda feliz, divulga os seus versos pelo Instagram e Facebook, conhecido em ambos como @enzofuji. Planta um sorriso em cada poema finalizado. A semente, diz ele, não se sabe onde pode germinar. Mas espera que germine.

Contato: [enzo.juniti@gmail.com](mailto:enzo.juniti@gmail.com).

**Fernanda Pian:** Tem 21 anos, escritora e artista, atualmente graduanda em psicologia, carrega na majoritariedade de seus poemas e prosas o conteúdo mórbido, faz voluntariado em uma rede de apoio emocional para prevenção ao suicídio, tem grande amor pelas artes e por seu gato Sr. Waffles

Contato: [fernandappian@gmail.com](mailto:fernandappian@gmail.com).

**João Pedro Oliveira:** Nasce em 1989 em Alcobaça, onde passa a sua infância e adolescência. Aos 18 anos, muda-se para Lisboa. Licencia-se em Cinema (ramo de Argumento) pela Escola Superior de Teatro e Comunicação do Instituto

Politécnico de Lisboa e depois Línguas, Literaturas e Culturas (variante de Estudos Anglisticos) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conclui também um mestrado em Linguística pela mesma universidade, redigindo uma tese com o título *Tóri di Babel: humor e língua na literatura em crioulo de Macau*, que analisa a relação entre língua, criatividade e identidade nos principais grupos étnicos que constituem a população macaense. Durante o presente ano, iniciará um doutoramento na área de ciências humanas. Atualmente, trabalha como professor de português como língua estrangeira na embaixada da Indonésia. Durante o seu período de estudos superiores, interessa-se por línguas, história e cultura do mundo. Participa em palestras sobre narrativas e músicas tradicionais do mundo. Estuda hindí no Instituto Central de Hindi em Agra, persa na Universidade Allameh Tabatabai em Teerã, russo na Universidade Estatal de Moscovo (MGU). Faz também cursos de língua chinesa, árabe, arménia e japonesa em Portugal e dedica-se como autodidata a outras línguas da Europa e do mundo. Além da literatura, João dedica-se igualmente à ilustração e à música, compondo, escrevendo, tocando e cantando, procurando agora seguir uma carreira profissional nesta área. A sua página de artista pode ser consultada em <https://www.facebook.com/joaooliveiramusica/>.

Contato: [john.olivetree@gmail.com](mailto:john.olivetree@gmail.com).

**Juliana Karol de Oliveira Falcão:** Nasceu em 16 de outubro de 1991, na Paraíba. Atualmente reside na cidade de Soledade (PB). Desde criança é apaixonada por livros e por

escrever, pois, para ela, a literatura torna o mundo mais bonito. Formou-se, em 2015, no Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba e, em 2017, ingressou no Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol na mesma universidade. Teve alguns poemas selecionados para publicação em concursos literários.

Contato: [julianakarol-16@hotmail.com](mailto:julianakarol-16@hotmail.com).

**Léo Ottesen:** Escritor e poeta gaúcho, natural da cidade do Rio Grande. Autor dos livros: “mas enfim” (editora Clube de Autores, 2015); “para eles: poemas dedicados” (idem, 2016); “Caio: a primavera das pessoas” (editora Multifoco, 2016); “Sobre sete cores brilhantes” (editora Amazon, 2018).

Contato: [ottesen.leo@gmail.com](mailto:ottesen.leo@gmail.com).

**Luís Amorim:** Natural de Oeiras e com ascendência da minhota terra Arcos de Valdevez, Portugal, escreve poesia na forma de contos poéticos, narrativas poéticas e canções e, também, prosa na forma de contos e micro-contos desde 2005. Tem já escritas cerca de 700 histórias com 38 livros de ficção publicados, entre os quais: *Almas, Fantasias, Flores, Terra ausente, O Mapa e A ceia do bispo e outros contos poéticos*. Foi seleccionado por 51 vezes com histórias suas em concursos literários para antologias em livros, revistas ou jornais.

Contato: [luisamorimeditations@gmail.com](mailto:luisamorimeditations@gmail.com).

**Mikael Mansur Martinelli:** Colatinense do Espírito Santo. Biólogo, professor e taxidermista. Publica suas pesquisas em revistas científicas do Brasil (*Natureza Online e Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão (Nova Série), Atualidades*

*Ornitológicas e Sittentibus*) e do exterior (*Herpetological Review*, *Pan-American Journal of Aquatic Sciences* e *SPIZAETUS – Neotropical Raptor Network Newsletter*). Trabalhou como revisor do periódico *Revista Brasileira de Biociências*. Participou do projeto de pesquisa *Biodiverses I e Biodiverses II*. Participou das antologias *Concurso nacional novos poetas CNRP – 2018* e da *I Antologia Poética do Recanto das Letras. O pé de jambo e a fábrica de refrigerante* é seu primeiro livro e já escreve o seu segundo, *Famigerada culpa*, também de poesias.

Contato: [mansurmartinelli@gmail.com](mailto:mansurmartinelli@gmail.com).

**Nanci Otoni:** Mineira, nasceu em 1964 na pequena cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Perdeu o pai muito jovem. A mãe, Ana Oliveira Otoni, era contadora de histórias. O mundo fantástico da imaginação e o prazer de estudar foram o legado herdado pela autora que adora ler, escrever e contar histórias. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia. Exerce os cargos de professora de Língua Portuguesa e Orientadora Educacional em escola pública do Estado de Minas Gerais. Poeta premiada em concurso literário em sua cidade é ainda convidada a escrever poemas para eventos culturais em seu município. Lançou o seu primeiro livro, *Os fios da vida*, em 2017.

Contato: [nanciotoni@hotmail.com](mailto:nanciotoni@hotmail.com).

**Paulo Ismar Mota Florindo:** Nascido em Alegrete/RS, no dia 25 de fevereiro de 1968, ao som dos tamborins de um domingo de carnaval. Profissional de Marketing por necessidade e também porque gosta. Dublê de escritor e



poeta nas horas vagas por necessidade (da alma). Às vezes participa de concursos literários, já tendo sido publicado em algumas coletâneas de contos e poesias. Ainda não teve coragem de escrever um romance, por receio de se entregar de corpo e alma à escrita.

Contato: *pauloismar68@hotmail.com*.

**Robinson Silva Alves:** Nasci em Coaraci (BA), ingressando nos caminhos da poesia onde tive a satisfação de possuir premiações literárias, bem como também diversas publicações em antologias e revistas literárias, atualmente faço parte de uma associação cultural e curso Especialização em Gestão Cultural.

Contato: *hiatuspoeta@gmail.com.br*.

**Ronilson Lopes:** Nasceu em Carolina (MA), mas passou sua infância na cidade de Goiatins no Estado do Tocantins. Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Possui pós-graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Atualmente é professor de Filosofia da rede pública e é o autor do livro *Filosofia e vida: diálogos entre amigos*, pela editora Scotercci, em parceria com o escritor João Uilson.

Contato: *lopespav@yahoo.com.br*.

**Sílvia Tereza Ferrante Marcos de Lima:** Nasceu e vive em São João da Boa Vista (SP). É cantora, compositora, produtora de shows e fotógrafa premiada. Escreve desde sua adolescência e possui 2 romances ficção, 1 livro de

contos e 3 livros infantis editados. Várias vezes premiada em Concursos Literários, é Membro da Academia de Letras de sua cidade, eleita em 2008. Sempre muito procurada para proferir palestras em Escolas, Universidades e Instituições em geral. Fala principalmente sobre Música e Literatura.

Contato: *silviaferrante2@gmail.com*.

**Teresinha Camargo:** Incluída em 4 antologias através de concursos, selecionada no concurso Internacional Poetrix 20 anos, autora do livro *SEM PALAVRAS*, publicado em 2016, prêmio de 1º lugar da USP, tema: O que quero ver no museu em 2022.

Contato: *teresabarbanti18@gmail.com*.

**Thaís Costa de Almeida:** Mora em Soledade (PB) e tem 21 anos. É estudante de História da Universidade Estadual da Paraíba, adora ler e escrever para si mesma; é como poder pousar sentimentos no papel. Escreve desde os 15 anos, acredita na força poderosa das palavras, da vida e das cores que podemos pincelar em nosso destino.

Contato: *thaisllcosta@hotmail.com*.

**Vitor Miranda:** 29 anos, é fotógrafo e escritor paulistano. Publicou “num mar de solidão” pela editora Giostri, “a gente não quer voltar pra casa” pela Kotter Editorial e “poemas de amor deixados na portaria” independente. Este último deu origem a Banda da Portaria no qual é poeta e letrista.

Contato: *viktor\_coto@hotmail.com*.

## Sobre os organizadores

**Érica de Oliveira:** Nascida em 03 de fevereiro de 1992, é formada em Letras: Português, Inglês e Respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Trabalha como prestadora de serviços editoriais e é responsável pelo setor de antologias da Editora Jogo de Palavras.

Contato: *oliveira.ERICA0302@hotmail.com*.

**João Paulo Hergesel:** Nascido em 25 de julho de 1992, João Paulo Hergesel é um escritor brasileiro residente em Alumínio (SP). É doutorando em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), mestre em Comunicação e Cultura e licenciado em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Dedicar-se à produção literária, com foco na literatura infantojuvenil, e à pesquisa na área da Narrativas Midiáticas com foco no estudo do estilo. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, coleciona dezenas de prêmios literários, nacionais e internacionais – entre eles: Prêmio Barco a Vapor (Fundação SM), Desafio dos Escritores (Câmara dos Deputados), Cancioneiro Poético (Instituto Piaget Portugal), Concurso Monteiro Lobato de Contos Infantís (SESC-DF) e Prêmio Ganymedes José de Literatura Infantil e Juvenil (União Brasileira de Escritores).

Contato: *jp\_hergesel@hotmail.com*.

Obra produzida com exclusividade para a  
Editora Jogo de Palavras, em março de 2019.